

Instituto Vera Cruz

Pós-graduação Literatura para Crianças e Jovens

Processos editoriais contemporâneos para o livro ilustrado: ficção e não ficção

Professora Ana Paula Campos

Padlet com as questões originais da turma (padlet)

<https://escolaveracruz.padlet.org/apcampos/entrevista-coletiva-h91bdegd5y0upmb8>

Personagens negras de ontem, leituras de hoje: entrevista coletiva sobre duas biografias ilustradas

Depois de conversarmos sobre biografias e livros não ficcionais ilustrados durante as aulas, montamos um padlet para funcionar como um fórum de discussão em torno de dois livros publicados no Brasil em 2022. Ali as alunas e alunos da turma de 2024 teceram comentários e elaboraram perguntas sobre *Nina – Uma história de Nina Simone* e *O adeus do marujo*, belos exemplos de como livros biográficos podem abrir janelas para a reflexão sobre questões das mais variadas naturezas. As perguntas e respostas passam por aspectos práticos do processo de produção editorial até as relações profundas que cada pessoa estabelece ao reler essas personagens contadas hoje. Fique a seguir com as perguntas da turma e as respostas de seis profissionais envolvidos na produção dessas obras que valem a pena serem conhecidas bem de perto.

Ana Paula Campos, professora da disciplina “Processos editoriais contemporâneos para o livro ilustrado: ficção e não ficção”.

—

NINA – UMA HISTÓRIA DE NINA SIMONE

Traci N. Todd (texto), Christian Robinson (ilustração), nina rizzi (tradução), Ana Tavares (edição). Pequena Zahar, 2022.

Traci N. Todd

Primeiramente, eu gostaria de dizer que eu fiquei comovido com a leitura desse livro. Achei um livro tocante, sensível e dolorido. Achei muito acertada a escolha do Christian Robinson como ilustrador, ele trouxe uma linguagem visual poética e potente para a obra. Fiquei curioso para saber de onde surgiu a ideia de transformar a história da Nina Simone em um livro para crianças.

Obrigada pelas palavras gentis. Meu pai adorava a música da Nina Simone, então ele tocava bastante quando eu era criança. Eu levei isso comigo para a vida adulta e fiquei curiosa sobre a história dela – e me surpreendeu como poucas pessoas sabiam quem ela era. Na época, eu trabalhava como editora de livros infantis e comecei a pensar em como poderia contar sua história para as crianças. Demorei uns 10 anos para escrever algo que eu achasse bom o suficiente para mostrar a um editor.

Como é adaptar um conteúdo biográfico para o público infantil de uma forma cativante, lúdica e delicada?

Não sei se fiz isso! Um dos meus objetivos com esse livro era contar a verdade. Eu queria deixar claro o contexto da época em que a Nina viveu e como ela reagiu a isso. Acho que, se tem algo que suaviza as arestas, é o fato de que a Nina agia a partir de um lugar de muito amor – e foi isso que inspirou sua raiva.

Como foram escolhidos os fatos que iriam compor esta biografia? Houve uma ideia-chave guiando as escolhas?

Eu sabia que queria que o livro culminasse com a criação da canção *Mississippi Goddam*, mesmo sabendo que nunca poderia mencioná-la pelo nome em um livro infantil. Tive que pensar em tudo o que levou até esse momento, em todas as formas como a música e a injustiça apareceram na vida dela desde muito jovem, para que, quando chegássemos à criação dessa música, as crianças entendessem como isso foi natural, como era inevitável.

A expressão de Nina Simone, especialmente na luta contra a desigualdade, é força para o povo negro. O texto e as ilustrações denunciam os maus tratos. Pergunto se a autora e o ilustrador conversaram sobre o processo de construção do livro.

Nós até discutimos um pouco, mas foi mais para explicar algumas coisas. No geral, nosso trabalho foi bem separado.

Você é também editora. Como foi a criação dessa obra? Você escreveu o texto e depois foi em busca de um ilustrador? Para a criação das ilustrações, trabalhou com ele, conversando durante o processo, ou o trabalho dele foi mais independente? Ao submeter o original a uma empresa, já apresentou com a parceria do ilustrador ou enviou só o texto?

Como mencionei, escrevi o texto por 10 anos antes de mostrar para quem acabou se tornando minha editora. Mesmo sabendo que as crianças não conheceriam a Nina, eu sabia o quanto ela era amada dentro da comunidade negra (e pelo meu pai), então queria ter certeza de que faria jus à história dela. Fiquei muito presa a isso e tive medo de compartilhar por um bom tempo. Mas fico muito feliz por ter feito isso.

Trabalhei com minha editora, Stacey Barney, para escolher o Christian como ilustrador. Vimos várias opções, mas o Christian sempre esteve no topo da minha lista.

Como a experiência como editora influenciou na concepção e na criação do livro?

Como eu era editora de livros infantis, queria contar a história dela para crianças. E achei importante mostrar para elas um outro lado do movimento pelos direitos civis, além dos discursos e das marchas. Existem muitas formas de fazer a diferença.

Há algum relato que poderia compartilhar sobre o encontro das crianças com essas obras? Como tem sido a resposta delas em relação ao livro? E o que elas comentam sobre a obra?

Eu realmente não tenho nenhuma história sobre como as crianças reagiram ao livro. Minha esperança é que elas fiquem curiosas quando o livro for lido para elas e que façam muitas perguntas que possam explorar com um adulto de confiança.

Christian Robinson

A expressão de Nina Simone, especialmente na luta contra a desigualdade, é força para o povo negro. O texto e as ilustrações denunciam os maus tratos. Pergunto se a autora e o ilustrador conversaram sobre o processo de construção do livro.

As palavras da Traci inspiraram minhas ilustrações, mas nós não discutimos a direção artística do livro. Isso pode surpreender algumas pessoas, mas autores e ilustradores quase nunca conversam durante o processo de ilustração.

Como a estética das ilustrações foi pensada para contar a história para além do texto?

As palavras da Traci tiveram uma influência enorme nas ilustrações. Mas também foi o espírito incrível da Nina Simone que guiou muito da estética. Pesquisei apresentações ao vivo e fotografias para captar o estilo icônico dela e também fiz referência ao período histórico para representar visualmente o cenário.

Por que é tão raro vermos o rosto da Nina de frente e, quando o vemos, ela está de olhos fechados?

Não sei se isso foi uma escolha criativa totalmente consciente. Mas uma das intenções que tive, especialmente para a capa, foi mostrar um lado mais vulnerável da Nina. Por isso escolhi a cor rosa vibrante. Muitas vezes, espera-se que as mulheres – especialmente as mulheres negras – sejam figuras extremamente fortes o tempo todo. Eu queria capturar a vulnerabilidade, a humanidade e a beleza da Nina, além da sua força.

Há algum relato que poderia compartilhar sobre o encontro das crianças com essa obra?

Tem sido muito divertido ouvir histórias de famílias que nomearam seus filhos em homenagem à Nina Simone. Elas compartilham como é incrível ter um livro ilustrado para ler em família que conta a história dessa pessoa extraordinária que inspirou o nome deles.

nina rizzi

Como foi o contato da editora com você? Eles vieram até você ou você ficou sabendo e então foi atrás?

Já era fã não apenas da obra musical de Nina, como de seu ativismo, por isso inclusive o meu próprio nome é Nina! Já havia traduzido e comentado algumas de suas canções para a revista escamandro, então, quando a editora Ana Tavares me convidou para fazer a tradução, fiquei profundamente honrada e feliz!

Tenho interesse em saber como funcionou o trabalho de pesquisa para a tradução do livro. Houve uma pesquisa prévia? E um diálogo frequente entre a tradutora e a autora?

Não cheguei a conversar com a autora, porém fiz sim pesquisas, li diversos trabalhos acadêmicos sobre sua obra e vida, assisti e li entrevistas e participações em eventos, um trabalho que aliás continuo até hoje!

Para traduzir a história, foi necessário conhecer a fundo a biografia da Nina Simone, ou seja, se aproximar de sua obra? (Obs.: Já fiz a leitura do livro para minha turma na escola. Deu uma conversa bem boa!)

Eu já conhecia um pouco, pois sou fã de Nina, no entanto, ao ser convidada para fazer a tradução fui fazer pesquisas e leituras.

No processo de tradução de uma obra biográfica, sente necessidade de se aprofundar mais na história da pessoa apresentada?

Ainda que uma obra tenha um recorte específico (como bem diz o título dessa obra "Uma história"), é importante conhecer não apenas o contexto em que a obra foi escrita como, nesse caso, da biografada e sua época. Há várias coisas que não aparecem no recorte, mas que podemos ler nas entrelinhas e/ou ilustrações. Com certeza isso enriquece o trabalho e sua apresentação a um novo público, nesse caso o brasileiro.

Durante a leitura me chamou a atenção que na p. 49 os cartazes ficaram em inglês: "I am a man". Apesar de ser uma frase conhecida naquele contexto, imagino que houve algum debate sobre esse detalhe. Manter em inglês ou traduzir? (Talvez durante o processo de edição, e não tanto na tradução. Talvez com troca de ideias entre editora e tradutora?)

Durante todo o processo de edição houve troca entre a equipe, tanto que me tornei amiga da editora. Aliás, aproveito para pontuar que um livro é sempre um trabalho coletivo e tanto a editora Ana Tavares como toda equipe/revisão fizeram sugestões, o que torna o trabalho ainda mais rico.

Sobre a frase em questão, pessoalmente avaliei que era importante manter como no original, visto que é uma reprodução de um documento histórico, acredito que por isso o resultado permaneceu assim.

Eu sempre tive curiosidade em saber sobre a tradução de palavras que fazem parte das ilustrações, por exemplo, as placas do Armazém do Owen (p. 22-23), ou nas páginas em que está escrito “Apenas brancos/Apenas negros”. O ilustrador faz parte desse processo de colocar as palavras traduzidas nas imagens?

Sim! Geralmente a equipe de arte reproduz fonte, tamanhos, tudo conforme o original.

Ao ler o livro pude sentir a explosão de sentimentos da personagem. Como foi traduzir esta história tão real até hoje? Outra dúvida: Nina, enquanto não se envolvia artisticamente com o movimento, era "criticada" pelas pessoas pretas?

Foi tão inspirador que continua sendo até agora e continuará a ser a cada vez que esta história for lida!

Assim como Sam Cooke, inicialmente Nina Simone cantava canções sem apelo político (muito embora, obviamente, tudo seja político), o que rendia críticas não só de artistas mais engajados como de intelectuais, ativistas e da população negra em geral. E não foi pelas críticas que esses dois artistas começaram a fazer uma arte mais “engajada”, mas a própria realidade que se impôs sobre suas artes.

Você acha que a falta de familiaridade com o Movimento pelos Direitos Civis e com a carreira da Nina Simone é capaz de prejudicar a apreciação desta obra pelo leitor brasileiro?

Absolutamente não! O próprio livro abre a possibilidade para essa e outras discussões/questões.

Como foi para você realizar a tradução deste livro, visto ter a “causa negra feminina” revestida em si? Pergunto isso porque eu me emocionei ao ler o livro. Você já sofreu preconceito em seu trabalho como tradutora (ou em algum outro) por ser mulher?

Todos os dias! E não conheço mulher que não tenha sofrido violência de gênero, assim como não conheço uma pessoa negra que não tenha sofrido racismo. No entanto, não são tais violências que nos fazem ser quem somos, nossa história não é de grilhões! São histórias de luta sim, porém antes histórias de resistência, de alegria, de arte, cultura, histórias pessoais que se abrem num leque de reverberação coletiva. Assim, conhecer essa história, é conhecer um pouco sobre

nós mesmas e contribuir para a ampliação de nossas vozes e histórias é algo profundamente político, mas também amoroso.

Há algum relato que poderia compartilhar sobre o encontro das crianças com essa obra? Como as crianças brasileiras sentem essa história?

Tive a oportunidade de ler esse livro com crianças e adultos e é sempre muito emocionante! No caso das crianças, leem primeiro as imagens, depois as relacionam com o texto escrito e com histórias de outras pessoas que conhecem e as suas próprias, fazendo brotar não apenas a apreciação estética como uma consciência libertadora! É transformador! A beleza salva sim o mundo!

Ana Tavares

O livro traz a história da cantora Nina Simone revelando a violência sofrida desde criança com o preconceito, o sonho negado e a luta para continuar tocando. Ela alcançou o sucesso e passou a dar voz ao povo negro. Como surgiu a ideia de traduzir o livro *Nina, uma história de Nina Simone*, um símbolo de resistência negra para crianças e jovens do Brasil?

Buscamos constantemente ampliar a diversidade de publicações, tanto do ponto de vista temático quanto no que diz respeito à escolha de autores e ilustradores para fazerem parte do nosso catálogo. *Nina*, de Traci N. Todd e Christian Robinson, é um livro de altíssima qualidade literária e estética que retrata uma personagem de extrema importância no enfrentamento das questões étnico-raciais nos Estados Unidos mas também no mundo. Quando recebemos o original estrangeiro para avaliação, acreditamos que o livro seria uma contribuição significativa também para o Brasil, para difundir a história de Nina Simone bem como para formar leitores críticos capazes de refletir sobre a relevância de uma educação antirracista.

Aproveito para compartilhar uma pequena matéria que fizemos no Blog da Letrinhas quando o livro foi lançado:

<https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6364/por-que-as-criancas-precisam-saber-quem-e-nina-simone?srsltid=AfmBOogGkYDaDg-QiRd5AuRxBNTvGNvTrUpyFXZrMoeYWP9g5xY9I6Lc>

Como foi o processo de aquisição de direitos autorais deste livro para ser publicado no Brasil? Influenciou ele ter recebido menção honrosa do prêmio Coretta Scott King?

Trabalhamos com uma equipe editorial formada por quatro editoras e uma publisher. Nossas leituras são sempre coletivas e todas as editoras são convidadas a opinar sobre a eventual contratação de uma obra. Os direitos de publicação foram negociados com uma agente literária e nossa decisão levou em conta vários aspectos positivos do livro, como sua importância na formação de leitores críticos, sua qualidade literária e estética, além da oportunidade de fortalecer o catálogo com

obras que, para além da arte, também são informativas. Não me recordo de termos sido influenciadas pela menção honrosa do prêmio Coretta Scott King.

Vendo o catálogo do selo, não encontramos outras biografias, mas a leitura de *Nina* (com a tradução acertada da nina rizzi) foi uma grata surpresa. Haverá outros livros nessa linha biográfica? É um nicho que vejo crescendo e sendo explorado por outras editoras, vale investir nesse crescimento por diversos lados ou é algo do "momento"?

Na verdade, a Pequena Zahar publica biografias literárias de forma consistente há mais de 10 anos. Além de *Nina: Uma história de Nina Simone*, lançado em 2022, também publicamos *Mandela: O africano de todas as cores*, em 2013 (de Alain Serres e Zaü), *Martin e Rosa: Martin Luther King e Rosa Parks, unidos pela igualdade*, em 2014 (de Raphaële Frier e Zaü), *Malala: Pelo direito das meninas à educação*, em 2019 (de Raphaële Frier e Aurélia Fronty) e *Lina: Aventuras de uma arquiteta*, em 2020 (de Ángela León). Todas estas obras foram publicadas no exterior e traduzidas para o português, mas em 2023 publicamos também uma biografia literária escrita por Sonia Rosa e ilustrada por Bárbara Quintino, intitulada *Meu nome é Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda*. Trata-se de um texto escrito em primeira pessoa, no qual conhecemos a história dessa incrível artista que foi Raquel Trindade, filha de Solano Trindade e Maria Margarida Trindade. Temos outros projetos no horizonte, ainda sem garantia de publicação, mas podemos dizer que as biografias literárias têm um espaço significativo em nossa linha editorial.

Durante a leitura me chamou a atenção que na p. 49 os cartazes ficaram em inglês: "I am a man". Apesar de ser uma frase conhecida naquele contexto, imagino que houve algum debate sobre esse detalhe. Manter em inglês ou traduzir? (Talvez durante o processo de edição, e não tanto na tradução. Talvez com troca de ideias entre editora e tradutora?)

Sim, isso foi debatido durante o trabalho de preparação do texto e também com a equipe de produção e arte. Pessoalmente, me posicionei a favor de manter os cartazes em inglês devido ao caráter documental desta imagem. Nas pesquisas que fiz durante o processo de produção do livro, me deparei com uma foto muito expressiva da manifestação e por isso defendi seu uso como foi representada no original. Mas esse foi o meu ponto de vista. Nada impediria que outro editor, por exemplo, achasse melhor traduzir e adaptar os cartazes.



Eu sempre tive curiosidade em saber sobre a tradução de palavras que fazem parte das ilustrações, por exemplo, as placas do Armazém do Owen (p. 22-23), ou nas páginas em que está escrito “Apenas brancos/Apenas negros”. O ilustrador faz parte desse processo de colocar as palavras traduzidas nas imagens?

A participação direta do ilustrador na edição traduzida vai depender do grau de complexidade da adaptação para a língua portuguesa. Na maioria dos casos, a equipe de arte tem profissionais capazes de fazer a edição da imagem sem a necessidade de contatar o ilustrador. Nesses casos, fazemos as alterações e submetemos a última prova à aprovação dos autores e ilustradores. Mas há casos em que as palavras se encontram tão intrinsecamente mescladas à arte que é preciso solicitar a colaboração direta do artista.

Pegando carona nessas questões sobre a tradução dos textos que vêm dentro das ilustrações: no processo de tradução, o quanto mudar algo na ilustração é interferir na arte do ilustrador, se feita sem consulta ao mesmo?

Em nosso caso, temos um protocolo de submeter sempre a última prova à aprovação dos autores e ilustradores. Nenhum livro é impresso sem que tenha sido previamente aprovado. Procuramos sempre fazer um trabalho o mais próximo possível do original, tanto no que diz respeito às fontes utilizadas quanto à técnica.

Na parte final do livro, "Sobre Nina Simone", há um parágrafo que conta sobre a relação de Nina com o Brasil e que não está na edição americana do livro. Estas informações foram adicionadas pela autora ou pela equipe editorial brasileira?

Estas informações foram incluídas pela equipe editorial brasileira, com anuência dos autores. Foi uma sugestão da tradutora, Nina Rizzi. Chegamos a pensar em incluir também um link do Youtube com um dueto de Nina Simone e Maria Bethânia, da música “Pronta pra cantar” (“Ready to sing”), mas desistimos por questões de direitos autorais, apesar do conteúdo estar disponível em um canal aberto.

Há algum relato que poderia compartilhar sobre o encontro das crianças com essa obra?

Infelizmente, não tive experiências como mediadora de leitura desta obra. Talvez Nina Rizzi possa contar algo a partir de sua experiência no contexto escolar.

Como é a recepção da obra pelo leitor juvenil?

Recebemos comentários muito positivos de leitores, pais, responsáveis e educadores desde o lançamento, e a obra segue tendo um bom desempenho nas vendas, mas ainda torcemos muito por uma venda governamental que possa ampliar o alcance da obra e levá-la para mais leitores.

O ADEUS DO MARUJO

Flávia Bomfim (texto e ilustração), Mariana Warth (edição). Pallas Mini, 2022.

Flávia Bomfim (FB)

É interessante pensar que, quando estava na escola, o tema da Revolta da Chibata era quase uma nota de rodapé entre os conteúdos de História e acho que a primeira vez que eu tive noção de quem era o João Cândido foi vendo seus bordados na Bienal. É bacana ver essa figura histórica ganhando dimensão e subjetividade a partir deste livro e mais bacana ainda é ver as crianças tendo a oportunidade de conhecê-lo para além do nome (esse livro faz parte do currículo da série em que trabalho na escola). Queria acrescentar que a forma como incorporaram conhecimentos sobre as marés e lua no final do livro, quando apresentam o mês de conclusão da obra é muito legal ;) Gostaria de saber como foi o processo de pesquisa para a realização deste livro.

FB: Foi em 2016 quando Mariana Warth, editora da Pallas, me convidou para pensar um livro sobre João Cândido. Nesse momento, não havia nenhum projeto arquitetado, nem ideias pré-concebidas de como deveria ser o livro, apenas o desejo de fazer um livro sobre João Cândido. O que fez Mariana pensar em mim tem uma relação, também, com a pesquisa que desenvolvo com o bordado há muitos anos.

O livro finalmente chegou ao mundo em 2022, estamos falando de 6 anos de feitura. Esse processo não foi contínuo nem linear, enquanto pensava e fazia o livro outros trabalhos, movimentos e interesses me atravessaram também, mas ali estava João, sempre insistindo na relação.

O método de trabalho que usei nesse livro e que uso em tantos outros projetos é o de colecionar. Abro uma pasta e coleciono tudo que tem relação com o assunto. Desde palavras e/ou imagens que se relacionam diretamente com o tema a ser trabalhado, mas também outros tipos de associações mais livres e subjetivas.

Meus primeiros experimentos com cianotipia aconteceram exatamente no mesmo ano que Mariana me convidou para pensar no livro. A aparição do rosto de João em azul-cianotipia me deu a certeza, desde o primeiro momento, que haveria um outro personagem nesse livro. Um personagem/presença, uma espécie de testemunha ocular ou sensível dessa história, mas também de toda a memória transatlântica da violência: o mar.

Com o tempo e a intimidade com o projeto, que vai se dando pouco a pouco, começo a acessar dimensões mais profundas da história. A pesquisa vai se tornando mais focada e mais articulada com a minha intenção expressiva e comunicativa. Li muitas reportagens, textos históricos, políticos e textos acadêmicos sobre a Revolta da Chibata e João Cândido. Mas também textos que ajudam a contextualizar o acontecimento, sobre a história do Brasil, o racismo, a escravidão, o movimento negro, além de buscar na internet e em arquivos públicos imagens daquele momento e retratos de João.

Fazer uma pesquisa histórica para criar o referencial do livro deve ser um trabalho muito longo. Como organizar todas as informações encontradas e transformar em um texto tão poético? Além disso, interagir com a ilustração e o projeto gráfico. Existe um fio condutor que leva todo o resto? Já existia uma ideia de como seria o livro antes dessa pesquisa?

FB: Não existia uma ideia pré-concebida de como seria o livro. O relato que trago ao final do livro é a descrição exata de como foi o processo: “sentei com João para bordar e ele me contou a história”. Essa foi a poética do meu percurso, todas as escolhas relacionadas ao texto, à imagem e à forma do livro foram sendo tomadas de maneira articulada e desarticulada durante a viagem. Não houve um sistema fechado de organização, fui me alinhando e alinhando o livro durante a caminhada. Inclusive uma curiosidade interessante é que as imagens têm tamanhos e dimensões diferentes, prova de que no início eu não tinha ideia do livro que ia surgir. Essa contracorrente metodológica me abriu um campo de liberdade e experimentação incrível.

Primeiro quero dizer que fiquei encantada com a obra! Eu gostaria de saber como foi a pesquisa, que documentos foram consultados, como foi o caminho para compor essa narrativa tão forte e ao mesmo tempo tão delicada?

FB: Será que já respondi essa pergunta?

Como foi o processo de escrita? O que veio antes, o texto ou a produção de bordados, impressões em cianotipia, montagens?

FB: A ideia de como seria ilustrado acho que foi a primeira certeza. Um dia escolhi um retrato de João e imprimir em cianotipia sobre tecido. Ali estavam João e o mar. Depois tudo veio junto em ritmos diferentes. Às vezes sentia uma equalização rítmica entre alguns experimentos, então olhava para o encontro das linguagens, sentia e escutava. Eram momentos em que eu poderia aceitar, ou não, a rota que o encontro me apresentava.

Como foi pensado o projeto artístico das imagens e bordados?

Quando decidi que trabalharia as ilustrações desse livro a partir de e com fotografias, iniciei um percurso de reflexão sobre o que seria o “factual”. Como pensar a fotografia jornalística em 1910? Quais eram os meios daquela época que noticiaram a revolta e como noticiaram? A fotografia não é inocente, ela é pensada e forjada sempre a partir de um enquadramento, de uma perspectiva. Que perspectiva era essa que reivindicava uma certa neutralidade para contar essa história? Trago no livro essa ideia de que a opinião popular foi manipulada, algo que não é “sorte” apenas daquele capítulo histórico, basta abrir nossas redes sociais hoje e vemos que a estratégia de poder é a mesma. Então, para recontar uma história, assumindo que também temos uma perspectiva, acredito que precisamos buscar entender o que é factual (ou não ficção), e o que é ficção.

Para criar esse livro pensei, então, em trazer duas dimensões para contar essa história: a factual, que é a comprovação de que aquilo aconteceu através das fotografias (lembro mais uma vez que estamos falando de 1910), e a dimensão poética, através do bordado, que é aquela que me permite perfurar a realidade dos fatos e assumir um ponto de vista, assumir que o meu reconto passa pela minha perspectiva, meu imaginários, as conexões que faço dessa história com outras, e meus questionamentos ao mergulhar nessa história.

Penso esse livro como esse ir e vir entre ficção e não ficção, uma poesia histórica ilustrada, talvez.

O bordado, não podemos esquecer, é também a linguagem que me conecta a João. Ele bordou e eu bordo. E no meu imaginário para criar essa obra bordamos juntas. Por isso, recrio o seu traço no livro como um texto-têxtil, onde nossos desenhos são também palavras. Bordado é uma escritura, e pode ser lido.

Fiquei curioso para saber como foi o processo de criação das ilustrações. Gostaria de saber o que veio primeiro na confecção do livro: se foi o texto, se foram as imagens fotográficas ou se foi o enredo da história e os bordados.

FB: Acho que já respondi :)

Como surgiu a ideia de usar impressões fotográficas, ou seja, imagens reais enriquecidas com o toque do bordado para o livro infantojuvenil?

FB: Acho que a primeira parte da pergunta eu já respondi. Mas gostaria de acrescentar que não entendo o livro *O Adeus do Marujo* como infantojuvenil. Entendo que alguns livros são pensados e realizados para terem uma conexão mais radical com alguns momentos de desenvolvimento do humano, mas tenho me conectado muito com o que entendemos como livros intergeracionais. Radicalizando a ideia de que “o livro é livre”, ele é livre, inclusive, da classificação por setores etários.

Primeiro quero parabenizar e agradecer por esta obra prima. Que delicadeza, ao mesmo tempo que força ao ver os bordados. Queria muito saber sobre o processo de produção, como foram selecionadas as fotos e a pesquisa sobre as informações colocadas?

FB: Agradeço muito pelo carinho com o livro. Como mais ou menos já respondi essa pergunta, vou trazer um outro aspecto do livro que poucas pessoas perguntam ou comentam: a capa. A falta de familiaridade com essa história fez com que muitas leitoras em um primeiro momento não percebessem que na capa não coloquei o rosto de João, talvez por não conhecerem o rosto dele. O rosto da capa é o de Manoel Gregório do Nascimento, que participou do comando rebelde no encouraçado São Paulo. Me fascina esse rosto que dispara um olhar altivo e confiante para o futuro. João não lutou sozinho, muitos outros estiveram ali. Manoel vem na capa e no início do livro como esse marinheiro visionário que conduz o barco para novos mares.

Ao ver a 7ª Conversa Literária no blog do Instituto Vera Cruz, soube da relação do bordado com o próprio João Cândido, bem como da escolha e formulação deste azul. Gostaria de saber, para além dos azuis e do bordado vermelho nas costas de um homem negro escravizado nos EUA, quais as simbologias das cores dos barcos que compõem o início da narrativa? E a cauda amarela?

FB: Concordo com a ideia de que em um livro ilustrado (ou álbum ilustrado) os elementos gráficos e textuais geralmente não devem aparecer de forma “gratuita”. Essas intenções podem ser conscientes, formuladas e controladas pelas autoras, e/ou editoras. Penso que quando entramos em um livro com o objetivo de estudá-lo, capturá-lo, dissecá-lo, classificá-lo etc.... já deveríamos estar conscientes de que estamos entrando em uma causa quase impossível. Como autora do livro, posso criar mil argumentos sobre as cores usadas, conectar com simbologias, criar sentidos, formulações e explicações profundas, mas também posso responder “porque sim”. Os acasos são fundamentais nos processos de criação, e quando um

artista dá espaço para que esse aspecto não controlado entre na experiência, começamos a estabelecer um diálogo matérico e formal mais sincero com o que estamos fazendo. Como nesse livro a cor azul é linguagem e personagem, os amarelos e alaranjados são a combinação perfeita – sendo eles complementares – e isso é tudo. :)

Em relação ao projeto, é possível observar que houve um cuidado especial e determinante para o resultado final da obra. Fiquei curioso para saber se a autora já conhecia o designer, ou se foi uma sugestão da editora.

FB: Sou a autora do livro completo 100%.

Além de acreditar na materialização de um livro recontando a história que traz a “Revolta das Chibatas” na perspectiva do Almirante Negro, como se deu o encontro das duas narrativas, texto e imagem, na diagramação do livro?

FB: Como comentei em outras respostas, o texto, as imagens e o projeto gráfico foram ganhando forma de maneira integrada. No início tudo era um caos, e pouco a pouco os sentidos foram aparecendo. Como não havia uma ideia preconcebida, nem ao menos um storyboard, as imagens se embaralhavam e quando ficava um tempo sem trabalhar no livro, ao voltar, elas mudavam e quem estava no início ia para o final, e quem estava no meio, ia para o início... sempre ocupando lugares diferentes. Quando o texto foi aparecendo e “a voz” sendo mais ou menos definida, fui mostrando a alguns amigos e amigas escritoras e poetas de Salvador, que à medida que iam lendo pontuavam questões rítmicas, vícios de palavras etc. Essas conversas prévias com pessoas que não estavam envolvidas com o projeto foram muito legais para ampliar meu campo e minha perspectiva. Ajudas fundamentais.

Bordar é uma atividade que toma tempo. Na cianotipia, assim como em qualquer técnica fotográfica, o tempo é um fator crucial. Você pode falar um pouco sobre o tempo, o seu relacionamento com o tema do livro e o resultado final?

FB: O livro levou 6 anos para ficar pronto, talvez isso já responda um pouco sobre a minha relação com o tempo neste livro. Ainda que não tenha sido um processo contínuo e de dedicação exclusiva, acredito que esse livro teve a oportunidade de ter sido pensado, nutrido, cuidado com esse respeito ao tempo.

Há um modelo de mercado editorial que trabalha com a ideia de urgência. A novidade exaustiva, o ter que falar sobre palavras, comportamentos, temas ou conceitos de moda ou que são urgentes para um debate social, gera um estado de ansiedade em todos os trabalhadores desse ecossistema, e que também gera uma fricção sobre as intenções e direcionamentos que vamos guiando o livro ilustrado (ou álbum ilustrado).

Conheço casos de editoras que fazem propostas para ilustradores terminarem um projeto em 2 meses. Eu sou incapaz de fazer um livro em 2 meses. Mas muitas de

nós respondem positivamente a essa demanda porque o trabalho de uma ilustradora no Brasil não é financeiramente fácil, ou seja, considerando o valor médio que se recebe por um livro deveríamos terminar mesmo em 2 meses. Então quando você me pergunta sobre o tempo é claro que penso na sustentabilidade do projeto. Há uma grande contradição nesse modelo de negócio, estamos em um bucle contínuo em que repetimos e escutamos velhos argumentos, mas com pouca disponibilidade para coletivamente fazer a roda girar em outro sentido, em busca de um mercado menos vertical, menos agressivo e com mais cooperação. Com mais tempo para a criação e sendo bem pagas, faríamos, todas, projetos melhores. Essa é uma conversa muito importante e possivelmente um caminho interessante para entender e estudar um livro: em que condições foi feito. Com isso não defendo que tenhamos que demorar tanto como eu demorei neste, é um caso isolado, mas o tempo é sempre bom para uma boa maturação.

Sobre o resultado final do livro eu me sinto feliz com o lugar que cheguei. E mais feliz ainda por ter tido uma liberdade e aprovação total por parte da minha editora Mariana Warth. Claro que ele poderia ser diferente, e já pensei em algumas alterações possíveis. Mas ele nasceu do jeito que foi possível frente ao que tínhamos de potência e o que tínhamos de limites. Penso que os limites são nossos maiores aliados na hora de definir estilos e tomar decisões.

Em caso dos bordados do livro terem sido feitos de verdade, onde eles estão hoje? Expostos em algum lugar?

FB: As ilustrações do livro *O Adeus do Marujo* foram feitas usando a técnica da cianotipia sobre tecido de algodão e posteriormente bordadas. Os originais existem, estão comigo e nunca foram expostos. :)

O livro na edição brasileira tem o bordado na capa apenas impresso. Vi imagens de edições estrangeiras da obra na Feira de Bolonha com o bordado feito manualmente. Por mais alto que seja o custo desse trabalho (e não sabendo qual a tiragem da obra aqui), vocês pensam em fazer uma edição "de luxo" com essa arte aqui?

FB: Em Bolonha esteve exposta a "boneca" da edição em língua inglesa que será publicada pela TaraBooks (editora indiana). Esse protótipo tinha a capa impressa em cianotipia e bordada à mão. Essa foi a nossa ideia original para a nova edição, mas desenvolver um projeto dessa envergadura nos coloca desafios de produção importantes. Estive na Índia com a editora por 3 meses para produzir a tiragem das capas e formar os impressores da TaraBooks com a técnica da cianotipia, para que pudessem controlar o azul, aprendendo a sentir o sol, a água e o tempo. A experiência foi pura exuberância, mas não estou segura de que vamos conseguir manter o projeto com essas características.

O interessante dessa experiência com a TaraBooks é que mais além de uma capa em cianotipia original, ou não, um novo-outro livro nascerá. A editora propôs alterar

o projeto gráfico do livro e, nessa nova aparição, decidimos que fosse vertical. Também produzi um novo texto contextualizando a Revolta da Chibata e o meu processo de criação para os leitores indianos e de outros países de língua inglesa. As imagens também tiveram alterações, nessa nova edição resolvemos dar mais respiro, revelando as manchas e os ruídos gráficos que a impressão em cianotipia pode apresentar.

Como foi a recepção das crianças em relação ao livro? Há algum relato que poderia compartilhar sobre o encontro das crianças com essa obra?

FB: Entendo *O Adeus do Marujo* como um livro intergeracional. Existem livros que são pensados e criados para específicos estágios de desenvolvimento do humano, mas também existem livros que não. Prefiro pensar que os livros são livres, e isso significa também, e principalmente, que qualquer esforço de categorização e enquadramento encolhe essa liberdade. Muitas pessoas de diversas idades se relacionam com o livro. Para mim o interessante é sentir como ele vai navegando entre gerações e culturas diferentes, gerando empatia, desconforto, assombro, conexão e outras sensações... e outros pensamentos.

O livro é um mar de poesia perceptível tanto na narrativa, quanto nas ilustrações com delicados bordados em impressões fotográficas por cianotipia. O reconto da história real do João Cândido, o Almirante Negro, revelado no azul do mar nos mobiliza a olhá-lo mais atentamente e dessa forma, perceber as injustiças impostas a um verdadeiro herói da Pátria. Com toda a imersão na história “Revolta das chibatas” e na pessoa João Cândido, qual é o sentimento que transbordou após o término do livro?

FB: Depois de 6 anos de processo, senti ansiedade e alívio ao mesmo tempo. Alívio por sentir que terminei e ansiedade por duvidar se estava terminado rrsrs.

Mariana Warth (MW)

Sobre a edição: em todos os livros da Pallas costuma entrar o crédito das editoras ou apenas nos livros em que há um processo de edição mais próximo dos autores?

MW: Sim, em todos os livros temos o crédito dos editores. O trabalho editorial é feito em conjunto com os autores de um livro.

Recentemente, vi um livro informativo estrangeiro com o crédito de "edição literária" e achei curioso. Imagino que a autora fez a pesquisa e a editora deu forma literária ao texto. Neste caso, como foi a edição da obra sobre João Cândido?

MW: O livro é uma obra integralmente criada por Flávia Bomfim. E, como já mencionado, uma provocação minha para ela. A partir do seu trabalho de bordado, ela partiu primeiro para a narrativa de imagem e depois para a criação do texto. A

editora teve o papel de balizar o processo (além de ter provocado o seu início), participar na finalização do arquivo e também, no fim do processo, a editora teve o papel de ajudar a artista a finalizar o trabalho já desenvolvido por 6 anos. Era hora de desgarrar e botar no mundo!

FB: Sim, importantíssima essa lembrança, Mari. Chegou um momento em que a provocação inicial de ativar o projeto voltou, e você fez a provocação de finalizar.

O título permaneceu enigmático de propósito? Vocês esperam que a gente pesquise e descubra de onde vem o título?

FB: O título foi escolhido por mim (Flávia); frase bordada de João em um de seus lenços. Achei importante um enunciado de João como título do livro.

MW: Foi uma bela escolha.

Me chamou a atenção um detalhe: trata-se de um livro informativo que não traz informações textuais na capa (na verdade, na quarta capa, que em geral é dedicada a apresentar a obra). Há apenas o essencial na capa (título, autora e logo da editora). E o fato de ser um volume encadernado em capa dura elimina as orelhas, que também costumam ser um espaço para informações sobre o livro e a autora. Dessa forma, me parece que a capa priorizou a imagem, inclusive o verso do bordado na quarta capa, que talvez passasse despercebido se houvesse um texto composto ali junto. Como foram essas escolhas? Qual o impacto dessa decisão nas livrarias, em que o leitor está diante do livro sem outras informações sobre ele? É um livro que vende mais para leitura nas escolas ou não?

MW: Acho que essa decisão tem a ver com uma forma de provocação do leitor e da não subestimação do leitor. Não dar a resenha do livro na capa pode ser uma forma de instigar. Nem todo livro precisa de resumo na capa, nas orelhas... de explicação. O leitor pode abrir e descobrir sozinho. Temos outros livros na editora que são assim e funcionam muito bem. O *marujo* é um livro que está trilhando seu caminho em escolas, em universidades, nas livrarias e também já ganhou prêmios.

Este livro ganhou prêmio como informativo, mas não foi pensado desta maneira. Na verdade, o que nos conduziu foi a vontade de trazer a história de João da maneira mais poética e literária possível em seu texto. A informação vem no final, sem prejudicar a poesia do livro, e como forma de situar o leitor no tempo. Mas o livro em si é uma história contada de forma universal e de maneira poética.

Quem teve a ideia de fazer o livro com as páginas como se fossem tramas de tecido, com bordados, etc.? As ilustrações bordadas foram realmente bordadas, depois escaneadas e montadas em programas de edição de imagens? O projeto gráfico, em minha opinião, deixou a materialidade do livro envolvida em sensação poética e ainda mais comovente com a história e criou uma maior empatia entre o leitor e o João Cândido, como se tivéssemos vivido

a história com ele. Achei genial a página que tem a frase: “O que pode matar o sonho de um marinheiro?” E logo na página seguinte ter a foto de vários marinheiros e alguns deles com o rosto costurado, como se fossem arrancados com as balas de canhão. Cada detalhe do projeto gráfico (escolha das cores, luz e sombra, etc.) deixou o livro e a história lindos, fez do livro informativo pura poesia comovente. Parabéns!!!

FB: É interessante que o livro *O adeus do Marujo* tenha recebido um prêmio como livro informativo. Mas quando ele foi pensado e realizado, não tinha nenhuma intenção de que fosse. A ideia de que o *livro é livre* se radicaliza quando ele ganha essa possibilidade de ser e de não ser.

Penso que criar excessivas categorias para analisar um livro, e dizer que informativo (não ficção) tem que ser assim ou ficção tem que ser assado ou livro jogo tem que ser cozido, e livro para essa idade, e livro para aquela idade, etc... é tentar capturar o incapturável em um livro ilustrado – ou álbum ilustrado (em suas diversas manifestações).

Em um livro ilustrado, as decisões que tomamos muitas vezes são conscientes e controladas, mas outras nem tanto, elas aparecem. Quando dialogamos com o mercado editorial + as possibilidades do parque gráfico disponível + tecnologias + recursos financeiros + papéis disponíveis + ecossistema do livro que diz isso e diz aquilo + etc... etc... etc.... Nem sempre podemos trazer para o mundo o livro ideal desejado. Tenho certeza, porque sei que a editora Pallas fez o possível para trazer a melhor versão possível desse livro.

Todo o percurso pelo qual um projeto passa antes de ser impresso é muito interessante para entender o objeto.

O livro foi feito por mim, fui a pessoa que tomei as decisões. As ilustrações são bordadas sobre tecido, não é “como se fossem”, são reais. Sim, foram escaneadas.

MW: A proposta de fazer a cianotipia em tecido e o bordado, resgatando imagens de jornal da época e fotografias, foi da Flávia. É claro que isso traz uma atmosfera também de informação, situando o leitor em um tempo. Mas a proposta foi justamente, como falei acima, transformar a história de João numa narrativa poética que possa dialogar com diferentes idades e deixar em aberto os questionamentos históricos a partir dos fatos.

Há algum relato que poderia compartilhar sobre o encontro das crianças com essas obras?

MW: Para crianças pequenas, o que presenciei, foi a força do mar na história. É um fato complexo ainda para compreenderem. Na minha perspectiva.

Como é a recepção da obra pelos leitores juvenis?

MW: Os jovens já conseguem perceber as injustiças históricas e o quão corajoso foi João. É uma obra potente e inspiradora não somente por sua materialidade, mas por sua capacidade de sintetizar a luta de João Cândido.

Autoria das perguntas

Aline Gonçalves

Camila Flessati Chammas

Cristina Y.

Fernanda Petrachin Gonçalves

Fernando Figueiredo

Juliana M. M. Nunes

Maria Cristina

Maria Fernanda Mariz de Oliveira Mendonça de Alvarenga

Patricia

Sandra Braik

Sheyla Félix

Tatiana Cukier

Vanessa Alves Araújo